

Vivian Aparecida Blaso Souza Soares César
Sydney Cincotto Junior
Valmir Martins de Oliveira

Cidades afetivas

uma via ecológica para o bem-viver

Resumo

O desafio contemporâneo do “homo urbanus” é encontrar outras vias de sociabilidade capazes de regenerar a vida que se encontra intoxicada-hiperconectada-saturada. As promessas de um capitalismo sustentável e uma vida smart governada pelo uso das tecnologias não parecem ser capazes de propiciar mais qualidade de vida, equidade, segurança, acessibilidade e convivialidade nas cidades. O decrescimento sereno e as políticas do bem-viver vão na contramão do admirável mundo novo prometido pela tríade: vida smart, economia verde, desenvolvimento sustentável. Cidades afetivas requerem novas formas de convivialidade como slow food, economia solidária/colaborativa, mandatos coletivos para o bem viver.

Cidades afetivas

Bem-viver

Pensamento complexo

Convivialismo

Abstract

The contemporary challenge of the “homo urbanus” is to find other ways of sociability capable of regenerating the life that is intoxicated-hyperconnected-saturated. The promises of sustainable capitalism and a smart life governed by the use of technologies do not seem to be able to provide more quality of life, equity, security, accessibility and conviviality in cities. Serene decline and well-being policies run counter to the brave new world promised by the triad: smart living, green economy, sustainable development. Affective cities require new forms of conviviality such as slow food, solidarity / collaborative economy, collective mandates for well-being.

Affective cities

Good living

Complex thinking

Convivialism

INTRODUÇÃO

Um dos maiores acontecimentos do século XX deveu-se ao processo de transição da vida assentada nos campos para as cidades. Imersas no capitalismo neoliberal, as cidades no século XXI estão em crise. Atualmente, boa parte da população urbana da Terra vive atolada no caos urbano, impactada 24 horas por dia pela hiperconectividade. Excesso de automóveis, hiperconsumo, falta de saneamento, poluição, violência, segregação econômica, indignidade, miserabilidade, *stress* e distúrbios psíquicos contribuem para a degradação das relações socioafetivas. A convivialidade cedeu espaço ao medo, à incompreensão, à intolerância, ao individualismo e à privatização da vida, sobretudo com a chegada dos refugiados vindos de territórios acometidos pelas guerras, fomes, catástrofes ambientais ou crises econômicas. Na busca pela vida, ou pela simples sobrevivência, as cidades e seus moradores agonizam.

Governadas pela lógica da globalização, da ocidentalização e do desenvolvimento, e impulsionadas pelo quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro¹, as cidades e seus habitantes necessitam de outras vias para escaparem do paradigma do crescimento acelerado e ilimitado para poderem lidar com as dores do presente. Nelas as pulsões de vida e de morte se produzem e se reproduzem na velocidade da sociedade 24x7 – 24 horas por dia, sete dias da semana. O cansaço, a estafa e o esgotamento são os sintomas do modo de vida das cidades capitalistas contemporâneas.

Superexcitação, hiperatividade e competitividade amplificam os distúrbios psicoafetivos do *Homo urbanus* que se acredita apenas *sapiens-faber-æconomicus*. Fragmentados, inconscientes da sua realidade antropológica enquanto *Homo demens-ludens-consumans*, capturados pelo ideário performativo do produtivismo ↔ desempenho, os sujeitos contemporâneos internalizaram os valores do indivíduo empreendedor de si. Amparados quimicamente, atuam mecânica e incansavelmente em prol da maximização utilitarista das finalidades econômicas em conjunto com a manipulação da natureza na busca de longevidade e felicidade individual. Em nome de um *viver bem* afogam-se nos excessos e excedentes, corrompem o *bem-viver*. O *eu* egocêntrico está no comando e faz sucumbir o *nós* da convivialidade.

Assistimos nas últimas décadas à velocidade com

a qual as ideias abrigadas sob o guarda-chuva da sustentabilidade foram agenciadas pelas forças da globalização, ocidentalização e desenvolvimento. Capturados, os ideários ecológicos revestem com novas cores e formas as tecnologias *smart*, a economia verde e o desenvolvimento sustentável para atenderem aos interesses econômicos neoliberais. Certificadas com selos verdes, as organizações são apresentadas pelo marketing como ecologicamente responsáveis e socialmente justas, sem deixarem de servir à sanha produtivista da sociedade do desempenho, de agregar valores a si mesmas e aos produtos por elas produzidos e comercializados, de reduzir os danos à imagem da marca no mercado e, assim, maximizar seus lucros. Cultivam, assim, o mal-estar civilizacional e a crise ecológica.

Agenciado, o *Homo urbanus* crê na frágil promessa que a vida *smart*, governada pelo uso das tecnologias nas pontas dos polegares, será capaz de propiciar mais qualidade de vida, equidade, segurança e acessibilidade. Ela promete uma via verde/ecológica/sustentável ao capitalismo que o permita continuar funcionando ininterruptamente nos moldes 24x7. Cansado, esse sujeito do alto rendimento é frequentemente levado pela sociedade do desempenho à depressão e ao fracasso, afinal, a competitividade e a meritocracia não garantem que todos subam ao pódio. Han² nos mostra que o cansaço desses indivíduos afasta o eu do outro, impedindo o *Homo urbanus* de viver em comunidade. A convivialidade parece impossível de se alcançar.

Para Viveret³, a crise, antes de promover paralisia, deve favorecer indagações e estimular a busca de outros caminhos para a sociedade; antes de aprofundar a descrença, deve ser vista como uma oportunidade para ramificar esperanças e responsabilidades frente ao futuro que virá. Diante do improvável da crise, eclodem as potencialidades criadoras e as possibilidades de metamorfose. A hominescência, ou o começo de uma outra humanidade, está em curso; cabe a todos nós tomar consciência dela para tecermos juntos o mundo que queremos.

Nas cidades do século XXI, o desafio contemporâneo do *Homo urbanus* é encontrar outros caminhos para a convivência que sejam capazes de regenerar a vida que se encontra intoxicada-hiperacelerada-saturada-superexcitada pelo individualismo-produtivismo-consumismo-informação. Estimular que flo-

1 O termo “quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro” foi criado por Edgar Morin para referir-se às forças motoras da sociedade global contemporânea responsáveis pela degradação da biosfera.

2 HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. (2010) Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

3 VIVERET, Patrick. “O que faremos com a nossa vida?”. In: MORIN, Edgar. *Como viver em tempo de crise?*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 29-76.

resçam os princípios do convivialismo⁴: de comum humanidade para além das diferenças; de comum socialidade; de individuação, que permite a cada um afirmar sua singularidade sem prejuízo a dos outros; de oposição controlada, por não permitir que a singularidade individual de um seja impeditiva da expressão da singularidade do outro, marco do princípio comum de socialidade. Buscar as vias do decrescimento sereno, convivial e sustentável implica reaprender a pensar e a viver, entrelaçar e pôr em prática as ideias de reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar e reciclar, defendidas por Latouche⁵.

HOMO URBANUS

Há muito, as cidades tornaram-se o centro das atenções, dos jogos de poder e dos interesses políticos, econômicos e culturais de seus cidadãos. Flanar, conhecer, desvendar uma cidade a torna um fetiche, objeto de desejo e de aspirações de todos os tipos. Le Goff⁶ nos diz que as cidades são o palco das trocas, onde se concentram os prazeres da festa, os diálogos de rua – nas tabernas, nas escolas, nas igrejas e mesmo no cemitério. Lugar do encontro, dos eventos, dos câmbios, a cidade é cultura, alimenta o povo com suas tradições, seus rituais. Se as cidades não fossem cultura, como as trocas, as festas e os câmbios ocorreriam? As cidades como espaços de convivência devem existir para servirem ao bem-viver, o que significa existirem para a “realização de um desenvolvimento pessoal dentro de um desenvolvimento coletivo, de uma comunidade fraternal”⁷.

O *Homo urbanus* é ator e coparticipante do processo de tessitura das cidades, nelas os afetos acontecem no palco do espetáculo da vida porque tudo está em movimento. Nós atuamos nas cidades em nossas cenas cotidianas, participamos das suas figuras, montagens e desmontagens. Os seus cenários são diversos, mas cada espaço tem as suas impressões, características únicas. Na singularidade encontramos

a multiplicidade de cores, formas, pessoas. Com tanta mistura e heterogeneidade nos tornamos mestiços, matizados e policromáticos como os arlequins. Nossos corpos humanos estão plasmados aos corpos das cidades.

Ocupar, habitar e emaranhar-se às cidades de forma convivial para o bem-viver exige de nós que despertemos o espírito da dádiva, adormecido e negligenciado pelo *Homo urbanus*. Para Marcel Mauss⁸, a vida social, na sua totalidade, erigiu-se das formas de solidariedade recíprocas, resultou das alianças entre os homens contra a violência total, dependia desses laços que constituíam a vida em comum. As regras fundadoras do social implicam convivialidade, interdependência, dádiva – dar↔receber↔retribuir. Buscamos uma via ecologizada para o futuro das cidades que integre o homem e a natureza.

Para tanto, apostamos na tomada de consciência da realidade antropológica complexa do *Homo urbanus*. Devemos nos assumir como *Homo complexus*⁹ ao reconhecermos nosso duplo enraizamento cósmico-biológico – somos filhos do Cosmos gerados por Gaia; ao aceitarmos nossa animalidade e nossa humanidade – existimos ao mesmo tempo como seres totalmente naturais e culturais; ao compreendermos a dialógica da unidade/diversidade biocultural do homem – somos ao mesmo tempo um ser individual egocêntrico, um ser social altruísta e uma espécie vivente implicada na vida e no universo.

O *Homo urbanus* é *complexus* porque é um ser racional, mítico, afetivo, lúdico, imaginário, prosaico, poético, sensitivo, concreto, pulsional, possuído por seus sonhos e projetos, capaz de objetividade, de cálculo, de criação e invenção; sobretudo é dionisíaco e apolíneo, um *sapiens-demens*, tomado pela desmesura e pela razão.

No entanto, devemos observar que uma outra questão se impõe a nós, o *Homo complexus* é também *ecologicus*. Em tempos hominescentes, a arborescência de uma outra humanidade não se fará sem o florescimento de uma outra política que compreenda na vida cívica do *Homo urbanus* a *Biogea* – a água, o ar, o fogo, a terra, o conjunto das espécies viventes –, como nos tem apontado Michel Serres¹⁰

4 *Manifesto convivalista*: declaração de interdependência – Edição brasileira comentada. Vários autores. (2013) São Paulo: Annablume, 2016.

5 LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. (2009) Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

6 LE GOFF, Jaques. *Por amor às cidades*: conversações com Jean Lebrun. (1997) Trad. Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

7 MORIN, Edgar. “A ideia de metamorfose, entrevista com Edgar Morin”. (2013) In: *Manifesto convivalista*: declaração de interdependência – Edição brasileira comentada. Vários autores. São Paulo: Annablume, 2016, p. 100.

8 MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. (1925) In: _____. *Sociologia e antropologia*. (1950) Introdução: Claude Lévi-Strauss. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.

9 MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. (2001) Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

10 SERRES, Michel. *O contrato natural*. (1990) Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s./d.

_____. *Temps des crises*. Paris: Éditions le Pommier, 2009.

em diversas obras. E por quê? Porque nos tempos de crise nos quais vivemos, a reinvenção do homem e da sociedade não se fará sem a Natureza. Formamos um só corpo uno-plural, é essa a nossa identidade singular↔universal: cósmica, biológica, psicoantropossocial.

Vivenciamos nesse instante o calor da dissipação das estruturas de uma civilização em crise, temos diante de nós uma bifurcação, experimentamos aquilo que Serres tem chamado de hominiscência: *fazer e, em se fazendo, fazer-se*. As manipulações tecnocientíficas das coisas, da vida e do mundo, conferidas pelas biotecnologias e pela inteligência artificial, abriram para o homem do atual século a possibilidade de transformar o mundo e a si mesmo de forma jamais imaginada.

Em *Homo Deus: uma breve história do amanhã*,¹¹ Harari trata da gestação dessa metamorfose da humanidade ao considerar que a aventura do homem no planeta como *Homo sapiens* talvez esteja chegando ao seu limite. “Tendo elevado a humanidade acima do nível bestial da luta pela sobrevivência, nosso propósito será fazer dos humanos deuses e transformar o *Homo sapiens* em *Homo deus*”. (HARARI, 2016:30).

Tamanha capacidade de intervenção-manipulação-transformação exige de nós uma ética complexa que considere a interdependência ecológica entre humanos e não humanos em permanente interação com a biosfera e o cosmos.

O *Homo urbanus-complexus-æcologicus*, além de receber, emitir, estocar e tratar as informações, como fazem todos os seres vivos e existentes, também constrói conteúdos, dá sentidos e significados ao que vê, sente e deseja nas cidades. Conectivo, ele é participante das redes colaborativas movidas pelos dispositivos de comunicação/transporte/tecnologias, caracterizados por Rifkin como operadores da era colaborativa trilhada pela capacidade de sermos empáticos. Para ele, o ser humano contemporâneo que investirá na mutação da sociedade agônica do presente denomina-se *Homo empathicus*¹².

Homo empathicus, porque em nosso processo evolutivo é a empatia que nos religa à comunidade, à humanidade, às outras espécies e à biosfera. Ser empático é sentir-se no outro para além dos laços consanguíneos, afetivos, identitários. A cooperação, a solidariedade e a compaixão se manifestam como

dispositivos constituintes da vida convivial, exaltam o *nós* altruístico do indivíduo ao mesmo tempo que refreiam a potência do *eu* egocêntrico competitivo. A empatia pode ser uma via possível para o despertar da dádiva, dar↔receber↔retribuir, entre o *Homo urbanus*.

Para Rifkin, as transformações provocadas pela Terceira Revolução Industrial abrem o caminho para o *Homo empathicus*, porque as tecnologias nos aproximam colaborativamente das trocas cada vez mais rápidas e espontâneas. Isso confere ao *Homo urbanus* a possibilidade de ser o protagonista de protótipos que vão modificar as cidades, como no movimento dos *Makers*¹³, em que é preciso compartilhar experiências com quem também quer pôr a mão na massa. Hoje, esse movimento toma proporções mundiais pela ideia de que é possível você mesmo fazer a mudança. Isso é possível porque os *smartphones* e tecnologias em redes estão mais acessíveis e o espírito colaborativo de mudar o *establishment* em detrimento dos interesses individuais traz à tona esses processos pela cidadania colaborativa.

As tecnologias *smart* conferem a possibilidade de estarmos juntos, mas também possibilitam estarmos sós. Essa solidão é uma das características do *Homo urbanus* que está capturado ao paradigma do desempenho, cansado de empreender produtivamente 24 horas por dia e todos os dias da semana, em busca de um mérito inalcançável, porém esgotante, alienante, individualizante e anticonvivial.

Entrelaçado às tecnologias para ser e estar no mundo, o *Homo urbanus* ao abraçar sua realidade complexa, ecológica e empática se permitirá viver intensamente relações mais conviviais, em espaços mais afetivos, humanos, quentes, como novas experiências desse cidadão, por meio de conexões presenciais onde possa tocar e sentir com o outro.

CONVIVALIDADE, UMA VIA PARA O BEM-VIVER

Nas cidades, os turistas, os imigrantes, os peregrinos, os artistas, os pesquisadores, os governantes, todos têm algo em comum: a curiosidade para reconhecer o território por meio dos hábitos de vida dos seus moradores, as atividades econômicas que geram as ri-

11 HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: Uma breve história do amanhã*. (2015) Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

12 RIFKIN, Jeremy. *A terceira revolução industrial – Como o poder lateral está transformando a energia, economia e mundo*. (2011) Trad. Maria Lucia Rosa. São Paulo: M. Books, 2012.

13 *Makers: a Nova Revolução Industrial*, escrito por Chris Anderson, que se tornou um dos principais defensores do movimento. *The Maker Movement Manifesto: Rules for Innovation in the New World of Crafters, Hackers, and Tinkerers*. Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/efocas/movimento-maker/#>. Acesso em: 20/11/2016.

quezas daquele território, as ideologias políticas, as lideranças religiosas, as tradições e as artes, portanto, a sua cultura, o seu *modus vivendi e operandi*. Interesse esse que muitas vezes passa longe dos seus habitantes ordinários imersos no cotidiano da vida.

Quando nos colocamos no papel de turistas, é comum recorrermos aos sites e blogs de viagem, ao *TripAdvisor*, ao *Google* e a inúmeros outros aplicativos para mapearmos as principais atrações históricas e culturais, os mercados, a agenda de eventos, conhecer sua demografia e clima, buscamos um sentido de localização espacial que aquele território ocupa. Mas, inevitavelmente, também recorremos ao bar, à padaria, à praça, à banca de revistas para buscar alguma informação preciosa que só os que habitam esses espaços são capazes de oferecer.

Quando fazemos isso estamos buscando por meio de símbolos, ícones e imagens criar representações lógicas, racionais, simbólicas e emocionais que deem conta do sentido daquela realidade que estamos buscando desvendar.

Na verdade, o que todos nós estamos buscando com o nosso olhar é absorver a cultura daquela cidade para de alguma forma nos apropriarmos de um espaço, mesmo que imaginário, para construirmos relações sólidas ou líquidas e, em um segundo momento, reconhecermos o que afetivamente nos conecta com aquele espaço e com as pessoas que estão ali naquele local. Isso releva a dimensão orgânica das cidades, sistemas abertos, vivos como um metabolismo em constante troca de informações internas e externas simultâneas e em constante agito, ocasionando ordem, desordem, organização e reorganização recursivamente.

Nesse contexto, as turbulências vão ocasionar bifurcações e mestiçagens, trocas culturais, por isso cabe a cada um de nós o desafio de reconhecer o papel individual e coletivo que desempenhamos na construção e desconstrução das cidades que habitamos, a função que a cidade desempenha na vida de cada um de nós. Cabe a cada um de nós compreender, para além dos pertencimentos e lugares que ocupamos, quais são as nossas responsabilidades e papéis que desenvolvemos nas cidades. Porque o primeiro papel que nos é dado é quando temos o nosso primeiro documento, o registro de nascimento, documento civil que nos denomina e, por isso, nos dá uma naturalidade e um pertencimento familiar. Nesse dia, adentramos a comunidade dos cidadãos.

Como cidadãos, temos um conjunto de direitos e deveres. Mas, para o pleno exercício da cidadania, devemos desenvolver a capacidade de cuidar não só do espaço comum, mas uns dos outros. O cuidar das relações entre as pessoas, cuidar do nosso patrimônio

histórico-cultural, cuidar da nossa cidade, do nosso lar, do nosso planeta.

Em um contexto polissêmico, as cidades se formam e, marcadas pela continuidade e descontinuidade, representam os fluxos em que cresceram e se desenvolveram ao longo do tempo. Processos tecnológicos, pesquisas científicas e a própria trajetória do desenvolvimento humano nos trouxeram até aqui, mas agora se faz necessário encontrar caminhos e pessoas comprometidas com o processo de metamorfose da sociedade e das inquietações humanas para nos incentivar a criar, recriar, construir e reconstruir cidades, bairros, territórios, espaços mais harmônicos, seguros, saudáveis e sustentáveis.

O sentir é importante porque não podemos apagar o que sabemos sobre a vida, sobre nós mesmos e sobre as nossas relações. As cidades são sistemas abertos, interdependentes e complexos que se autorreorganizam e se retroalimentam; metabolismos da teia dinâmica da vida. Elas são marcadas por suas arquiteturas, culturas e pelos hábitos de seus moradores, são objeto de curiosidade e desejo e vão dimensionando as tensões política, econômica, social, ambiental e ecológica.

Imersas em concreto, as cidades formam espaços opressores ao nosso espírito e produzem grande instabilidade social e emocional, por conta da existência de muitos espaços monofuncionais como os *shopping centers*, os condomínios, os ambientes corporativos, prioritariamente acessados com o uso do automóvel. Precisamos reviver as praças, retomar o sentido da ágora, dar vez aos espaços multifuncionais, conforme colocado por Rogers¹⁴ em seu livro *Cidades para um pequeno planeta*.

Com a privatização e o encarceramento da vida em espaços homogêneos e monofuncionais, nos distanciamos uns dos outros, invisibilizamos a diversidade e as diferenças. Urge resgatarmos as relações de vizinhança, promover o reencantamento das cidades como lugar para o exercício da plena cidadania que se manifesta em gestos cívicos, espontâneos e até mesmo em pequenas escalas interagindo com o espaço público.

Caminhar pelos bairros, visitar monumentos históricos, participar de atividades culturais, manifestar-se politicamente nas ruas é importante para religar o corpo dos sujeitos ao corpo da cidade. Passado, presente e futuro se misturam em único acontecimento, o contemporâneo, e vão delineando cada vez mais os espaços para os afetos.

14 ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno planeta*. (2001) Trad. Anita Regina Di Marco. São Paulo: GG Brasil, 2014.

Cidades afetivas investem em novas formas de convivialidade, como o *slow food*, os coletivos artístico-culturais, a economia solidário-colaborativa, os mandatos coletivos na política, todos em sintonia com os novos ideários que reivindicam uma vida ecológica para devolver às cidades a função política de serem um espaço coletivo para o bem-viver.

Exemplos desse movimento em direção a formas mais conviviais nas cidades contemporâneas não faltam. Interessados em refletir e pesquisar sobre esse momento hominescente de possível metamorfose do homem e de seu meio, mapeamos alguns grupos, coletivos, comunidades virtuais e ações que se auto-organizam em torno do bem-viver, do compartilhar, do ocupar e retomar os espaços públicos para os cidadãos que comungam dos ideários do decrescimento sereno, mesmo que dele não tenham ainda se apropriado teoricamente.

Tomamos esses exemplos como sintomas de um acontecimento revolucionante nas relações dos homens consigo e com o mundo urbano que habitam. Os coletivos inundam as ruas, praças e espaços públicos, o *Homo urbanus* torna-se o protagonista dos novos designs e ações que vão modificar as cidades e a si mesmos.

Passeios a pé ou de bicicleta manifestam o desejo do bem-viver entre os moradores da cidade. O coletivo SampaPé atua de forma a tornar a vida do *Homo urbanus* mais divertida, leve e humana, em suma, mais convival, através da experiência do caminhar com o foco nas pessoas e nas sensações e interações com a cidade. Uma das integrantes do coletivo afirma que ao andar a pé por diferentes bairros da cidade mudamos nossa percepção e relação com o espaço: “Mostrar a cidade para as pessoas a pé, e que ser pedestre é possível, muda a toda percepção que a pessoa tem com a cidade. Você se torna mais cidadão”¹⁵.

O Bike Tour SP¹⁶ não é um coletivo, é um grupo que conta com a parceria de empresas para que possa promover passeios de bicicleta gratuitos em diferentes bairros da cidade. Os passeios são acompanhados por monitores que apresentam informações sobre os locais por onde pedalam e os pontos culturais visitados. O Bike Tour SP é um incentivador do uso da bicicleta como um modal de transporte, pois aposta nela como um dispositivo transformador do ser humano, acredita que o acesso à cultura pelo maior número de pessoas empodera os cidadãos. Aos que se interessam em pedalar juntos e conhecer um pou-

co mais os bairros da cidade e seus pontos culturais basta colaborar com dois quilos de alimento que são entregues às instituições sociais.

O Arrua¹⁷ é um coletivo formado por um grupo de amigos que busca um modelo mais democrático de cidade que atenda aos interesses da população que nela vive. Ele ocupa praças e ruas da cidade com a finalidade de resgatar a dimensão pública dos espaços em oposição à privatização da vida. Autodefinem-se como um coletivo que debate o direito à cidade, que intervém nas cidades e nas redes, que é composto por pessoas com afinidades políticas e afetivas. O Arrua objetiva reinventar a cidade como espaço voltado ao convívio do diferente e promover uma cidadania crítica e ativa, bem como atuar nas redes de forma distribuída e colaborativa para construir uma plataforma que busque o bem comum.

O coletivo Ocupe & Abrace¹⁸ se originou da vontade de revitalizar a Praça da Nascente, uma área verde do bairro da Pompeia em São Paulo que abriga várias nascentes do riacho Água Preta. O propósito é reconectar o homem com a natureza, reativar a vida comunitária, propiciar um ambiente interativo onde todos se apropriem do espaço e se sintam afetivamente conectados a ele. O coletivo estende suas ações para além dos perímetros da praça, aposta na ramificação de suas ações e ideias para toda a cidade.

As hortas comunitárias também ganham lugar em meio ao concreto e ao asfalto das cidades. Hortelões Urbanos¹⁹ é uma comunidade virtual de pessoas interessadas em horticultura, em produtos orgânicos, em hábitos saudáveis e veganos de alimentação, dão dicas de receitas e de cultivo e cuidado com hortas. Seus membros estão conectados pelo Facebook. Nos últimos anos, as hortas comunitárias e públicas ganham praças e terrenos na cidade de São Paulo, e entre os incentivadores e consultores das hortas que surgem a cada dia está a comunidade virtual dos Hortelões Urbanos.

Outros coletivos, como o Expressão Urbana SP e o SP Invisível, possuem propostas distintas, porém complementares; buscam direcionar o olhar para a cidade não ficcional, sem descuidar do lúdico; miram a cidade real, suas contradições e segregações socioeconômicas e espaciais.

O Expressão Urbana tem como missão guiar experiências de encontro com a cidade, seus espaços e territórios, por meio da arte urbana de rua – o *gra-*

15 SampaPé <http://www.sampape.org> Acesso em: 20/11/2016.

16 Bike Tour SP <http://www.biketours.com.br/> Acesso em: 20/11/2016.

17 Arrua <https://coletivoarrua.org/> Acesso em: 20/11/2016.

18 Ocupe & Abrace <http://www.ocupeeabrace.com.br/> Acesso em: 20/11/2016.

19 Hortelões Urbanos <https://www.facebook.com/horteloesurbanosdicas/> Acesso em: 20/11/2016.

ffiti, o *pixo*, o *grapixo* –, possibilitar infinitos de imaginação e expressões estéticas dentro da finitude da vida. Em sua página na web, afirmam que o potencial provocativo da arte e das transgressões urbanas favorece a resignificação dos espaços e das formas com as quais os homens ocupam a cidade. Entendem a arte urbana como “criação e concretização de um repertório alegórico típico de cada território da cidade, em contraponto às cicatrizes deixadas pela ocupação caótica da terra”²⁰.

O SP Invisível²¹ é um coletivo que escuta e conta histórias que a maioria das pessoas nem sabe que existem. A partir da contação de histórias de vida dos moradores em situação de rua da cidade São Paulo, o coletivo busca conscientizar e humanizar aqueles que a ouvem e buscar vias que possam levar essas pessoas para outra condição. O que chama atenção desses dois coletivos é que ambos são protagonizados por jovens da elite paulistana que por condições de acesso e recursos financeiros poderiam estar fazendo qualquer outra coisa ou não estarem fazendo nada; no entanto, a perspectiva do olhar sobre as cidades motivou ambos a fazerem uma história diferente das que vivenciaram em suas trajetórias no círculo familiar.

Eventos mais pontuais também dão sua contribuição na reinvenção das cidades. Nos parques, as tecnologias de realidade aumentada entrelaçam o *Homo realis* ao *imaginarius*, ao *consumans*, ao *ludens*, na prática do *cosplay*. No Parque Villa-Lobos, zona oeste de São Paulo, as batalhas *cosplay* revelam outros vieses desse *homo urbanus* hiperconectado e desejoso de mais espaços para os afetos.

Esses coletivos, suas atuações e eventos trazem envolvimento das pessoas para a perspectiva de que é possível influenciar tomadas de decisões políticas que serão estratégicas para o respeito no ambiente urbano, entendido como metabolismo vivo que necessita incorporar o espírito das relações comunitárias e estimular o desejo de querer bem-viver. “Uma cidadania ativa e uma vida urbana vibrante são componentes essenciais para uma cidadania e uma boa identidade cívica. (...) o sucesso de uma cidade depende de seus habitantes e do poder público, da prioridade que ambos dão à criação e manutenção de um ambiente urbano e humano”. (ROGERS, 2014:16).

Nas cidades do presente, as brechas para as convivências mais humanas nascem a cada dia dos movimentos coletivos-conectivos-colaborativos, dos territórios rebeldes às capturas. Esses novos movimentos que emergem no interior da sociedade do desempre-

no escapam dela para inventar, criar, religar; atuam como máquinas de guerra deleuzianas enfrentando as forças agenciadoras da lógica da globalização, da ocidentalização e do desenvolvimento. Distantes do poderio do agenciamento e da indexação ao modelo hegemônico, esses movimentos caminham por novas vias que podem nos levar ao bem-viver e a reestruturar os espaços urbanos para as sociabilidades.

EM BUSCA DE UM CAMINHO SERENO, SENSÍVEL E AFETIVO PARA O HOMO URBANUS

As cidades são como o coração das pessoas: cabem muitos e diversos afetos; expulsam ou retêm a estrangeiridade do desconhecido; trazem o medo e a insegurança, como um novo amor, bem como lançam os corações apaixonados a viverem plenamente juntos, um com o outro. Tanto no coração como nas cidades é preciso sentir o que pulsa, religar-se às fontes genéricas geradoras e regeneradoras do homem; ao amor pela vida, pelo belo, pelo sagrado, pelo cotidiano.

Em *A agonia de Eros*²², Han diagnostica a incapacidade dos sujeitos narcísicos contemporâneos de esvaziarem-se de si para o encontro com o outro, com o diverso. Abrir-se para o outro é pura vivência do amor, é experiência transformadora. Para Maturana, a aventura antropológica do homem não se limita à competição, como alguns nos quiseram fazer crer, mas, sobretudo, dá-se por meio da cooperação. Estar disposto a cooperar implica ação espontânea, aceitação mútua, empatia e, sobretudo, amor. “A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre”²³. O homem precisa retomar o sentido da sua existência humana: o amor, como fonte genérica de socialização. É urgente que regeneremos *Eros*.

O *Homo urbanus* hiperativo↔hiperconectado↔hiperestimulado↔hiperexcitado, mais do que nunca, parece não conseguir escapar das tramas que o enovelam à sociedade do cansaço governada pelo paradigma do desafeto. Dardot e Larval²⁴ se ocuparam em tratar da subjetividade neoliberal própria aos indivíduos que acreditam ser empreendedores de si. Sujeitos atomizados, multitarefas, hiperindividualistas,

22 HAN, Byung-Chul. *A agonia de Eros*. [2012] Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

23 MATURANA, Humberto R. *A ontologia da realidade*. (Org. Graciano, M.; Magro, C.; Vaz, N.). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997, p.185.

24 DARDOT, Pierre; LARVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. [2014] Trad. Mariana Echalar. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

20 Expressão Urbana SP <https://www.expressaourbanasp.com.br/> Acesso em: 20/11/2016.

21 SP Invisível <http://spinvisivel.org/> Acesso em: 20/11/2016.

meritocráticos e altamente competitivos alimentam os desamores do *Homo urbanus*.

Incapaz de contemplação, o homem contemporâneo precisa respirar, olhar o horizonte, caminhar. Precisa do silêncio na cidade e não fora dela. Precisa de ócio e de ter tempo para fruição, só possível nas cidades que propiciem espaços conviviais, sem fronteiras ou segregações, espaços diversos que não sejam controlados pelos interesses econômicos nem explorados pelo mercado imobiliário, não domesticados nem agenciados pela lógica perversa dos discursos e revitalização, espaços que não segreguem ricos e pobres, espaços inclusivos, compartilhados, coletivos e conectivos.

As fronteiras já não cabem mais, desmoronam. Misturamos, mestiçamos, reorganizamos nossas vidas de tal forma que as pessoas que habitam as cidades deverão ser capazes de se adaptar aos espaços locais, de reivindicar espaços para o sentir, olhar e ver. Locais tidos como obsoletos, degradados e desvalorizados aos poucos se reinventam como espaços conviviais, porque o homem precisa desse espaço sereno para a sua fruição.

A crise de percepção, apontada por Fritjof Capra²⁵ em *Ponto de mutação*²⁶, persiste no século XXI, e a racionalidade que achamos que podemos ter diante da vida acelerada, associada ao uso das novas tecnologias, nos confere a sensação *Black Mirror*²⁷, em que tudo pode ser manipulado, retocado, apagado. O século XXI clama por uma reinvenção dos espaços que possibilite ao homem a religação consigo, com o outro, com a cidade, com a natureza. É preciso ter tempo para a existência.

Cidades para os afetos é uma aposta nas vias regeneradoras dos processos colapsados entre o homem e a cidade. É um convite para o sentir. Precisamos resgatar a subjetividade que foi tomada pelo excesso do fazer, do parecer ser e do ter. Essa tríade do excesso – *fazer, parecer ser, ter* – precisa abrir espaço para o sentir. É a aposta na religação com a complexidade humana.

As cidades do futuro serão inevitavelmente *smarts*, devido a sua altíssima complexidade, e em decorrên-

cia da necessidade de controles ambientais extremos por causa dos impactos das mudanças climáticas. Além disso, elas necessitarão ser animadas pela vontade das pessoas em resgatar a empatia/compaixão/solidariedade que se perdeu progressivamente com o advento da sociedade disciplinar e subsequentemente com a emergência da sociedade do desempenho.

As cidades do futuro somente serão se forem capazes de restabelecer espaços de convivência para os afetos, de serem animadas pela cidadania, porque não suportarão mais as barbáries, e de lançarem mão do tagarelar nas redes, do opinar, do pressionar, do ocupar os espaços públicos concretos e virtuais para promover a convivialidade e o bem-viver.

Para cidades mais afetivas exige-se a ruptura com os dispositivos cartesianos, utilitaristas e mecanicistas, urge que se invista no pensamento complexo como operador da metamorfose da sociedade do século XXI. Reformar o pensamento nos permite misturar, colorir, mestiçar o fluxo desencantado do mundo, animando-o com a poesia, as artes, a religação dos saberes, dos fazeres e da educação para a cidadania.

O convivialismo aposta na afetividade para o resgate das relações comunitárias, na importância do viver juntos como dispositivo que poderá nos levar à metamorfose:

Uma arte de viver juntos (con-vivere) que habilita os humanos a cuidarem uns dos outros e da Natureza, sem negar a legitimidade do conflito, mas fazendo dele um fator de dinamismo e de criatividade. Um meio de evitar a violência e as pulsões de morte²⁸.

É nesse sentido que o convivialismo tem como desafio propor uma alternativa serena entre crescimento e decrescimento simultaneamente, sobretudo porque as cidades já não comportam mais os reflexos do crescimento em detrimento do lucro obtido nas relações de exploração entre capital e trabalho.

Para além do fosso existencial que já vivemos no século XXI, todos nós devemos reconhecer a nossa condição permanente neste plano terrestre: a condição de caminhantes. Por isso, como disse o poeta Antônio Machado, caminhante não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

Cidades afetivas é uma aposta no futuro das cidades e do *Homo urbanus*. O desafio é ensaiar sobre o que seria uma vida animada para os afetos, já que

25 Com enfoque no paradigma sistêmico, as partes só podem ser entendidas a partir da organização do todo, a análise é contextual, oposta ao pensamento analítico presente na ciência de tradição cartesiana.

26 CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. [1982] Trad. Álvaro Cabral. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

27 *Black Mirror* é uma série de ficção científica exibida pela televisão que aborda temas relacionados à sociedade contemporânea, particularmente no que se refere às consequências imprevisíveis com o uso das novas tecnologias e o impacto das mesmas na vida das pessoas.

28 *Les Convivialistes*. Disponível em: <http://www.lesconvivialistes.org/sintese-do-manifesto-convivialista>. Acesso em: 20/11/2016.

atravessamos polícrises que contribuíram para uma das maiores crises de todos os tempos: a crise da humanidade que ainda não se tornou a Humanidade.

Cidades afetivas: uma via ecológica para o bem-viver busca o convivialismo sem sermos utópicos, na esperança de uma cidade mais democrática, aberta e solidária. Exige que tomemos consciência da nossa realidade como seres humanos imperfeitos, individualistas, consumistas e predadores do planeta, para lidarmos com essa realidade e construirmos uma nova política fundadora de uma ética complexa que nos religue aos outros e ao cosmos. É uma proposta que investe na ecológica instauradora do bem-viver, na direção de uma vida mais comunitária e solidária.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. [1982] Trad. Álvaro Cabral. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- DARDOT, Pierre; LARVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. [2014] Trad. Mariana Echalar. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.
- HAN, Byung-Chul. **A agonia de Eros**. [2012] Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.
- _____. **Sociedade do cansaço**. (2010) Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: Uma breve história do amanhã. (2015) Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LATOUICHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. (2009) Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- Les Convivialistes**. Disponível em: <http://www.les-convivialistes.org/sintese-do-manifesto-convivialista>. Acesso em: 20/11/2016.
- LE GOFF, Jaques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. (1997) Trad. Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- Manifesto convivalista**: declaração de interdependência – Edição brasileira comentada. Vários autores. São Paulo: Annablume, 2016.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. (1925) In: _____. **Sociologia e Antropologia**. (1950) Introdução: Claude Lévi-Strauss. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.
- MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. (2001) Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- RIFKIN, Jeremy. **A terceira revolução industrial** – Como o poder lateral está transformando a energia, economia e mundo. (2011) Trad. Maria Lucia Rosa. São Paulo: M. Books, 2012.
- ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno planeta**. (2001) Trad. Anita Regina Di Marco. São Paulo: GG Brasil, 2014.
- SERRES, Michel. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade? (2001) Trad. Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- VIVERET, Patrick. “O que faremos com a nossa vida?”. In: MORIN, Edgar. **Como viver em tempo de crise?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 29-76. ■

Vivian Aparecida Blaso Souza Soares César

é Professora Doutora. Universidade Presbiteriana Mackenzie, FGV-EAESP e Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Complexidade - Complexus, PUC-SP, São Paulo, Brasil.

Sydney Cincotto Junior

é Professor Doutor. Centro Universitário Augusto Motta - Unisum, Rio de Janeiro, Brasil. Pesquisador do Núcleo de Estudos da Complexidade - Complexus, PUC-SP, São Paulo, Brasil.

Valmir Martins de Oliveira

é Professor Doutor. Universidad Mayor, Santiago, Chile.